

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 28/03/2026 | aceito: 02/03/2026 | publicação: 04/03/2026

**Paixão, Culpa e Castigo: uma análise comparativa dos protagonistas em *O Crime do Padre Amaro* (de Eça de Queirós) e *O Crime do Professor Kandimba* (de Henriques Samuel)**

*Passion, Guilt and Punishment: a comparative analysis of the protagonists in *The Crime of Father Amaro* (by Eça de Queirós) and *The Crime of Professor Kandimba* (by Henriques Samuel)*

**Leonildo Rocha** - Leonildo Vicente da Rocha (Escola Superior Pedagógica do Cuanza Norte)

**Henriques Samuel** - Henriques Samuel (Faculdade de Humanidades da UAN)

<https://orcid.org/0009-0002-1830-2579>

## Resumo

O presente artigo propõe uma análise comparativa dos protagonistas em *O Crime do Padre Amaro* (Romance da autoria Eça de Queirós) e *O Crime do Professor Kandimba* (Novela da autoria de Henriques Samuel). A análise é realizada através do estudo do discurso narrativo, utilizando como *corpus* a terceira edição publicada pela Editora Luso Livros, no caso do romance de Queirós, bem como a primeira edição publicada pela Semana Editora, no caso da Novela gótica de Samuel. A comparação espelha o grau de semelhança narrativa, tendo como destaque o papel que cada protagonista desempenha, tendo sido considerados como “recheados de semelhanças”. Essa abordagem busca não apenas conhecer a realidade de cada protagonista, mas também promover uma análise crítica e uma interpretação profunda em torno de elementos como paixão, culpa e castigo, aspectos muito recorrentes nas duas obras. A abordagem adoptada neste trabalho é baseada em *corpus*, permitindo uma exploração detalhada das técnicas discursivas empregadas, que favorecem a formação de uma visão realista e multifacetada das conjunturas sociais de Portugal na era do realismo (século XIX) e de Angola nos dias de hoje.

**Palavras-chave:** Discurso narrativo; Crime; Paixão; Culpa; Castigo.

## Abstract

This article proposes a comparative analysis of the protagonists in *O Crime do Padre Amaro* (a novel written by Eça de Queirós) and *O Crime do Professor Kandimba* (a novella by Henriques Samuel). The analysis is conducted through an examination of the narrative discourse, utilizing as its *corpus* the third edition published by Editora Luso Livros for Queirós’s novel, and the first edition published by Semana Editora for Samuel’s Gothic novella. The comparison reflects the degree of narrative similarity, with particular emphasis on the roles played by each protagonist, both characterized as “laden with similarities.” This approach aims not only to understand the realities of each protagonist but also to promote a critical analysis and in-depth interpretation of elements such as passion, guilt, and punishment—recurring themes in both works. The methodology adopted is based on *corpus* analysis, enabling a detailed exploration of the discursive techniques employed, which facilitate the formation of a realistic and multifaceted view of the social contexts of Portugal during the realism era (19th century) and contemporary Angola.

**Keywords:** Narrative discourse; Crime; Passion; Guilt; Punishment.

## Introdução

Os estudos dedicados à análise literária evidenciam uma pluralidade de abordagens críticas, reveladora da riqueza e da complexidade inerentes à narrativa ficcional. Inserido nesse horizonte teórico, o presente artigo propõe uma leitura comparativa de duas figuras centrais de poder e autoridade — Amaro e Kandimba — em articulação com as suas respectivas vítimas, Amélia e Samara. Não obstante a existência de investigações isoladas sobre cada uma das obras, não se identificam, até ao momento, estudos que promovam uma análise conjunta das duas narrativas,

Ano VI, v.1 2026 | **submissão: 28/03/2026** | **aceito: 02/03/2026** | **publicação: 04/03/2026**

particularmente no que respeita à comparação dos seus protagonistas, tendo como eixos estruturantes categorias como a paixão, a culpa e o castigo.

Com o propósito de colmatar esse vazio crítico, a análise inicia-se com a apresentação de dados esclarecedores acerca do elemento que aqui se assume como nuclear: o crime. Este é abordado sob múltiplas perspectivas — filosófica, jurídica e moral-religiosa —, permitindo uma compreensão mais ampla das suas implicações narrativas e simbólicas. Seguidamente, desenvolve-se o percurso analítico propriamente dito, a partir de uma comparação da contextualização histórica e social do romance de Queirós e da novela de Samuel, cujas especificidades se tornam mais inteligíveis quando confrontadas à luz dos respectivos cenários e das influências culturais que os moldam.

Na sequência comparativa, o artigo debruça-se sobre a trajectória e o valor simbólico de Amaro e Kandimba, destacando convergências e divergências entre ambas as figuras. Para sustentar a análise, apresentam-se, com base num corpus textual rigorosamente seleccionado, aspectos centrais da paixão interdita vivida pelos protagonistas e das consequências que dela decorrem, sem descurar o papel determinante da culpa e da crise de consciência que os atravessa. Por fim, são tecidas considerações finais que sintetizam a leitura comparativa dos protagonistas e das tragédias que os definem, reafirmando a pertinência do diálogo crítico entre as duas obras.

### As vertentes do crime

Tal como explora Fiódor Dostoiévski, podemos dizer que a noção de crime pode ser analisada a partir de diversas perspectivas, como a filosófica, a moral e a psicológica; só para não falar da “mais famosa”: a jurídica. Uma rápida passagem nos escritos do romancista russo pode ajudar a abrir a discussão sobre tais vertentes:

Lembro-me também de que eu, no meu artigo, desenvolvia a ideia de que todos, digamos, por exemplo, os **legisladores** e os **fundadores da humanidade**, começando pelos mais antigos e continuando por **Licurgo, Sólon, Maomé, Napoleão** etc. etc., todos, desde o primeiro até o último, tinham sido **criminosos**, mais **não fosse senão** porque, ao **promulgarem** leis novas, **aboliam** as antigas, tidas por **sagradas** pela sociedade e pelos antepassados, e certamente que não se **teriam detido perante o sangue**, sempre que isso (derramado às vezes com toda a inocência e virtude, em defesa das velhas leis) pudesse ser-lhes útil. Também é significativo que a maior parte desses benfeitores e fundadores da humanidade fossem uns sanguinários, especialmente ferozes (Dostoiévski, 2019, p. 235).

Embora se possa destacar alguma crítica à rigidez do direito positivo, vemos, e com alguma clareza, a vertente filosófica do crime, onde Raskólnikov (personagem protagonista em *Crime e Castigo*) tenta justificar o seu acto com argumentos filosóficos, desafiando a concepção tradicional de crime, que nos remete (mais) às vertentes jurídica (acção ilegal) e moral (acto moralmente repugnante). Mais do que isso, Raskólnikov propõe uma reavaliação do que é considerado crime em um plano mais amplo e complexo.

Indo mais longe, sugere que figuras como as citadas anteriormente não deviam ser julgadas

**Ano VI, v.1 2026 | submissão: 28/03/2026 | aceito: 02/03/2026 | publicação: 04/03/2026**

pelos mesmos padrões da maioria, já que seus actos, ainda que violentos, encontrariam justificação nos seus fins. Seguindo essa linha, diferente de Napoleão, Amaro e Kandimba devem ser julgados – como veremos adiante (os motivos da afirmação) – pelos mesmos padrões da maioria, pois não há fundamentos filosóficos que os acolham, embora, é claro, tanto Amaro, quanto Kandimba “acreditem” que seus actos possam ser justificados. Diferente destes, Raskólnikov encara o assassinato da agiota como um acto de justiça. Amaro, embora represente a Igreja Católica, cede à hipocrisia e ao desejo carnal ao deitar-se com Amélia, tal como Kandimba ao fazê-lo com Samara, tendo o crime de ambos começado com o abuso de poder e culminando nas mortes de Amélia e “Samara”.

Em suma, as narrações fazem-nos entender que o crime não é apenas um acto ilegal: é, além disso, uma crise de consciência e um dilema moral, que nos fazem reflectir sobre as consequências internas dos nossos actos culposos.

### Contextualização das obras

— *A autoridade tem o dever de proteger a religião do Estado, e implicitamente os seus sacerdotes... Que tenha V. Exa. em vista, eu não venho aqui em nome do clero...*

*E acrescentou com a mão sobre o peito:*

— *Sou apenas um pobre padre sem influência... Venho, como particular, perguntar ao senhor secretário-geral se se pode permitir que caracteres respeitáveis da Igreja diocesana sejam assim difamados...*

— *É certamente lamentável que um jornal...*

*Natário interrompeu, empertigando o busto com indignação:*

— *Jornal que já devia estar suspenso, senhor secretário-geral!*

— *Suspenso! Por quem é, senhor cura! Mas V. St decerto não quer que eu volte ao tempo dos corredores-mores!*

— *Suspender o jornal! Mas a liberdade de imprensa é um princípio sagrado! Nem as leis de imprensa o permitem... Mesmo querelar pelo ministério público porque um periódico diz duas ou três pilhérias sobre o cabido, impossível! Tínhamos de querelar toda a imprensa de Portugal, com exceção da Nação e do Bem Público! Onde iria parar a liberdade de pensamento, trinta anos de progresso, a própria ideia governamental? Mas nós não somos os Cabrais, meu caro senhor! Nós queremos luz, muitíssima luz! Justamente o que nós queremos é luz! (Queirós, 2016, p. 238)*

Apesar da distância temporal que separa *O Crime do Padre Amaro* e *O Crime do Professor Kandimba* — mais de um século —, ambas as obras convergem na problematização das relações entre poder, moralidade e responsabilidade social, ainda que inscritas em contextos históricos, culturais e ideológicos profundamente distintos. Em cada uma delas, a autoridade institucional surge como elemento central, ora legitimada pelo discurso religioso, ora sustentada pelo prestígio intelectual e social, revelando mecanismos de protecção simbólica dos seus agentes e uma tendência para a relativização da culpa.

Conforme Costa (2023, p. 7), “*O Crime do Padre Amaro*” (...) é uma importantíssima obra que permite contextualizar, analisar e entender a sociedade portuguesa oitocentista”.

Publicado em 1875, *O Crime do Padre Amaro* insere-se no período do Realismo em

Ano VI, v.1 2026 | **submissão: 28/03/2026** | **aceito: 02/03/2026** | **publicação: 04/03/2026**

Portugal, uma época marcada por uma reacção contra o idealismo romântico, o que reflecte o tom crítico da escrita queirosiana, certamente abraçado pela visão de Aguiar (2008), que defendeu que os escritores realistas eram motivados pelas teorias científicas e filosóficas da época, buscavam, por isso, retratar o homem e a sociedade em sua totalidade. O país vivia um período de instabilidade política e económica, com forte influência da Igreja Católica na vida pública. A obra reflecte as críticas do autor à sociedade portuguesa, sobretudo ao clero, que Eça via como moralmente corrupto e hipócrita.

Segundo Figueiredo (2011) *apud* Costa (2023, p. 9):

Como declínio da aristocracia e a ascensão da burguesia, a sociedade oitocentista passa a estar marcadamente preocupada com o indivíduo, e a república transforma-se num valor passado. Os dessemelhantes e desconhecidos tornam-se uma ameaça, um perigo que deve ser evitado por grupos que ficam cada vez mais exclusivos

A distância antes referida pode ser verificada até em descrições espaciais:

*Em roda da Ponte a paisagem é larga e tranquila. Para o lado de onde o rio vem são **colinas baixas**, de formas arredondadas, cobertas da rama verde-negra dos **pinheiros** novos; embaixo, na espessura dos arvoredos, estão os casais que dão àqueles lugares melancólicos uma feição mais viva e humana — com as suas alegres paredes caiadas que luzem ao sol, com os **fumos das lareiras** que pela tarde se azulam nos ares sempre claros e lavados. Para o lado do mar, para onde o rio se arrasta nas terras baixas entre dois renques de salgueiros pálidos, estende-se até os primeiros areais o **campo de Leiria**, largo, fecundo, com o aspeto de águas abundantes, cheio de luz. Da Ponte pouco se vê da cidade; apenas uma esquina das **cantarias pesadas e jesuíticas da Sé**, um canto do muro do **cemitério coberto de parietárias**, e pontas agudas e negras dos ciprestes; o resto está escondido pelo duro monte ouriçado de vegetações rebeldes, onde destacam as **ruínas do Castelo**, todas envolvidas à tarde nos largos voos circulares dos mochos, desmanteladas e com um grande ar histórico (Queirós, pp. 2016, 12-13).*

Em *O Crime do Padre Amaro*, Eça de Queirós constrói um espaço marcado pela estabilidade aparente, pela continuidade histórica e por uma forte ligação à tradição. A paisagem que envolve Leiria é descrita como “larga e tranquila”, dominada por colinas suaves, pinheiros novos e campos férteis, compondo um cenário rural que sugere ordem, permanência e equilíbrio natural. Trata-se de um espaço onde o tempo parece fluir lentamente, em consonância com uma sociedade ainda profundamente ancorada em valores tradicionais.

Essa configuração espacial não é neutra: ela reforça o carácter conservador da comunidade retratada. A referência às casas de “paredes caiadas”, aos fumos das lareiras e à vida agrícola evidencia uma organização social simples, assente na proximidade entre os habitantes e na vigilância moral implícita que essa proximidade favorece. Nesse contexto, a aparência de tranquilidade funciona como contraponto irónico às tensões morais que atravessam a narrativa, contribuindo para a crítica subtil à hipocrisia social.

A dimensão simbólica do espaço acentua-se com a presença de elementos religiosos e históricos, como a Sé, o cemitério e as ruínas do castelo. Esses marcos remetem para uma cidade

**Ano VI, v.1 2026 | submissão: 28/03/2026 | aceito: 02/03/2026 | publicação: 04/03/2026**

moldada por séculos de influência religiosa e por um passado que continua a exercer autoridade sobre o presente. A Igreja, visível mesmo quando parcialmente oculta, surge como referência constante, sugerindo a centralidade do discurso religioso na organização social oitocentista. As ruínas do castelo, por sua vez, conferem à paisagem um “grande ar histórico”, sublinhando a persistência de estruturas de poder antigas que, embora desgastadas pelo tempo, continuam a legitimar hierarquias e comportamentos.

*O Crime do Professor Kandimba* reflecte uma Angola pós-guerra civil consolidada, mas ainda lidando com desafios sociais, políticos e económicos. Mais de duas décadas após o fim da guerra (2002), o país continua enfrentando problemas estruturais, como corrupção, desigualdade e deficiências no sector educacional. A educação é um dos principais pilares do desenvolvimento nacional, mas ainda sofre com baixa qualidade de ensino, más condições de trabalho para professores e falta de infraestrutura nas escolas.

Essa distância fica mais clara quando lemos:

*A zona era uma mistura de bairro e cidade, tal como (muitas) outras de Antiga Vila de Salazar: a cidade rainha das montanhas. Alguns empreendimentos ganhavam destaque pelas ruas apertadas, água escorrendo para tudo quanto é canto, contrariando o que se convencionou chamar de combate ao processo de diminuição de água no planeta dos donos do mundo: Terra (Samuel, 2024, pp. 8-9).*

A expressão “uma mistura de bairro e cidade” reflecte um fenómeno urbano comum nas grandes cidades contemporâneas, onde a delimitação entre áreas residenciais e centros urbanos torna-se cada vez mais difusa. Esse processo é típico da urbanização acelerada, característica do século XXI. A menção a “alguns empreendimentos ganhavam destaque” indica um crescimento económico e desenvolvimento urbano, típico de ambientes modernos onde novos negócios e construções se destacam nas áreas residenciais, reflectindo as dinâmicas de mercado modernas.

A frase “água escorrendo para tudo quanto é canto” sugere problemas de infra-estrutura, como drenagem e gestão de recursos hídricos, que se tornaram críticos nas discussões sobre urbanização e sustentabilidade no século XXI. Isso reflecte uma crescente preocupação com a gestão ambiental e questões ecológicas que permeiam o discurso contemporâneo.

Em “contrariando o que se convencionou chamar de combate ao processo de diminuição de água no planeta dos donos do mundo” vemos uma crítica ao consumismo e à indiferença em relação às questões ambientais, destacando a luta contra a degradação ambiental e a desigualdade que marcaram o início do século XXI. A menção aos “donos do mundo” sugere discussões sobre poder económico e desigualdade social que são frequentes hoje.

### **Comparação dos cenários e das influências culturais nas narrativas**

*O Crime do Padre Amaro* e *O Crime do Professor Kandimba* apresentam semelhanças e diferenças em seus cenários e influências culturais. Ambas exploram a corrupção moral dentro de

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 28/03/2026 | aceito: 02/03/2026 | publicação: 04/03/2026

instituições importantes para a sociedade – a Igreja e a Educação –, mas em contextos históricos e culturais distintos, como já referimos.

(...). *Para o lado do mar, para onde o rio se arrasta nas terras baixas entre dois renques de salgueiros pálidos, estende-se até os primeiros areais o campo de Leiria, largo, fecundo, com o aspeto de águas abundantes, cheio de luz. Da Ponte pouco se vê da cidade; apenas uma esquina das cantarias pesadas e jesuíticas da Sé, um canto do muro do cemitério coberto de parietárias, e pontas agudas e negras dos ciprestes; o resto está escondido pelo duro monte ouriçado de vegetações rebeldes, onde destacam as ruínas do Castelo, todas envolvidas à tarde nos largos voos circulares dos mochos, desmanteladas e com um grande ar histórico* (Queirós, 2016, pp. 12-13).

Em *O Crime do Padre Amaro*, o cenário é uma cidade pequena e tradicional, onde a Igreja domina a sociedade e dita as normas morais. Já em *O Crime do Professor Kandimba*, o cenário reflecte uma realidade angolana contemporânea, onde o sistema educacional é um reflexo dos desafios do país, como assédio sexual, corrupção e desigualdade.

– (...). *Terceiramente, saibam, desde já, que o ensino de qualquer disciplina deve sempre privilegiar a componente prática. Dito de outra forma, ensino sem enquadramento prático não tem cabimento, ainda que pareça ter. Quartamente, coloquem nas vossas mentes que ser professor é uma questão de afirmação social e pessoal. Alguma dúvida?* (Samuel, 2024, p. 2)

Enquanto *O Crime do Padre Amaro* se insere no Realismo europeu, criticando a sociedade portuguesa através de um olhar detalhista e satírico, *O Crime do Professor Kandimba* faz parte de uma literatura angolana mais contemporânea, que combina crítica social com um olhar sobre as consequências da história recente do país. Isso fica evidente em:

*Nunca fora querido das devotas; arrotava no confessional, e, tendo vivido sempre em freguesias da aldeia ou da serra, não compreendia certas sensibilidades requintadas da devoção: perdera por isso, logo ao princípio, quase todas as confessadas, que tinham passado para o polido padre Gusmão, tão cheio de lábia!*  
*E quando as beatas, que lhe eram fiéis, lhe iam falar de escrúpulos de visões, José Miguéis escandalizava-as, rosnando:*  
*— Ora histórias, santinha! Peça juízo a Deus! Mais miolo na bola!*  
*As exagerações dos jejuns sobretudo irritavam-no:*  
*— Coma-lhe e beba-lhe, costumava gritar, coma-lhe e beba-lhe, criatura!*  
*Era miguelista — e os partidos liberais, as suas opiniões, os seus jornais enchiam-no duma cólera irracional:*  
*— Cacete! cacete! exclamava, meneando o seu enorme guarda-sol vermelho* (Queirós, 2016, pp. 7-8).

Por outro lado:

– *O caso do Pedrito complicou-se muito: há um aborto no meio. Os pais da menina queriam é forçar a coisa. Para piorar, o instrutor do processo também tinha interesses secundários. Até ali, foi fácil bater o caso. Só fiquei sem entender como a menina foi convencida a dizer algo que também lhe incrimina, pois a obrigação que ela alega não faz sentido.*  
– *Querem tirar o kota do caminho.* – Disse Neves e bebeu.  
– *Concordo, mas a coisa pode acabar mal para todos eles, incluindo os pais.*  
– *O assédio nunca termina bem. Não concorda, Kandimba?*  
*O interrogado estava distraído e foi acordado. – Se bem entendi, isso já passou de assédio,* Neves (Samuel, 2024, pp. 32-33).

As duas obras compartilham a crítica a instituições que deveriam ser modelos morais, mas que acabam sendo espaços de corrupção e decadência. No entanto, seus cenários e influências

culturais diferem bastante:

O *Crime do Padre Amaro* reflecte uma sociedade tradicional portuguesa, onde a Igreja tem um papel central.

O conde acudiu:

— Mas perdão, não deve ser assim; **a religião, o clero não são agentes eleitorais.**

— Perdão..., queria interromper o outro.

O conde suspendeu-o, com um gesto firme; e gravemente, em palavras pausadas, cheias da autoridade dum vasto entendimento:

— **A religião, disse ele, pode, deve mesmo auxiliar os governos no seu estabelecimento, operando, por assim dizer, como freio...**

— **Isso, isso!** murmurou arrastadamente o ministro, cuspiendo películas mascadas de charuto.

— **Mas descer às intrigas,** continuou o conde devagar, aos imbróglis... Perdoe-me meu caro amigo, **mas não é dum cristão.**

— Pois sou-o, senhor conde, exclamou o homem das suíças soberbas. Sou-o a valer! Mas também sou liberal. E entendo que no governo representativo... Sim, digo eu... com as garantias mais sólidas...

— Olhe, interrompeu o conde, sabe o que isso faz? **desacredita o clero,** e desacredita a política. — Mas são ou não as maiorias um **princípio sagrado?** gritava rubro o das suíças, acentuando o adjetivo (Queirós, 2016, pp. 55-56).

O *Crime do Professor Kandimba* aborda uma realidade angolana contemporânea, onde a educação é um campo de batalha entre ética e corrupção.

— Se bem entendi, **isso já passou de assédio.** Neves.

— Concordo com o camarada Kandimba. Isso é o que eu chamo **pedagossédio:** o pior tipo de assédio, pois vem de alguém que representa uma figura imponente, que carrega um significado para lá de especial, **igual a um pai.**

— O **professor,** nesse caso! — Kandimba adivinhou. Esse gajo tem lá uns termos! **Pedagossédio.** Pensou Kandimba.

— Estás cada vez mais criativo, kota Bernardo! — Insultou Neves.

— Não há nada de mais numa rosa.

Ao que chamamos de perfume, teria igual cheiro, se outra rosa lhe chamássemos. Ao seu modo peculiar, Kandimba notou que Bernardo citara Shakespeare em *Romeu e Julieta*. Esse gajo tem sempre uma.

— **A relação entre professor e aluno deve sempre se basear num distanciamento,** quando o assunto é esse. — Disse Kandimba — **A questão é que o assédio resistido, quase sempre, nunca termina bem.**

— Concordo com essa abordagem. — Disse Jimbila.

— **Eu gosto muito de ser assediado.** — Disse Neves. — E olha que não perco tempo: o prazer não se controla, deve escorrer como água na torneira.

— **O prazer não controlado é uma arma para o suicídio,** Neves. — Disse Kandimba (Samuel, 2024, p. 33-34).

Essa comparação mostra como diferentes épocas e culturas moldam as histórias, mas os dilemas humanos — poder, moralidade e corrupção — permanecem universais:

— Hem, João?! dizia. Está forte! Está filosófico! E retomando a leitura: — "Quereis a guerra? Tê-la-eis! Levantaremos bem alto o nosso estandarte, que não é o da demagogia, compreendei-o bem! e arvorando-o, com braço firme, no mais alto baluarte das liberdades públicas, gritaremos à face de Leiria, à face da Europa: Filhos do século XIX! às armas! Às armas, pelo progresso!"

— Hem? Está de os enterrar!

João Eduardo, que ficara um momento calado, disse então, levantando as suas expressões em harmonia com a prosa sonora do Agostinho:

— O clero quer-nos arrastar aos funestos tempos do obscurantismo!

Uma frase tão literária surpreendeu o jornalista: fitou João Eduardo, disse:

— Por que não escreves tu alguma coisa, também?

O escrevente respondeu, sorrindo:

— E eu, Agostinho, eu é que te escrevia uma desanda aos padres... E eu tocava-lhes os podres. Eu é que os conheço!...

Agostinho instou logo com ele para que escrevesse a desanda (Queirós, 218-219).

Por outro lado:

— Olha, vocês ouviram sobre um kota que levava serpentes ao gabinete de trabalho? —

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 28/03/2026 | aceito: 02/03/2026 | publicação: 04/03/2026

*Perguntou Bernardo.*

*– Já vais vir com mentiras. – Disse Neves.*

*– É verdade. Eu confirmo. Um colega está com esse caso nas mãos. Parece que a esposa, que era secretária na data dos factos, foi orientada pelo chefe a tirar uma agenda na diplomática do dirigente, e ao fazê-lo, foi picada por uma serpente com cerca de cinquenta centímetros...*

*– Isso é arrepiante, merda! – Disse Neves.*

*– Muito. – Bernardo concordou.*

*– A mulher morreu no hospital, em Luanda, mas antes conseguiu contar como tudo aconteceu. Interrogado sobre o ocorrido, o dirigente acabou por confirmar a titularidade da propriedade, alegando que era um animal de estimação.*

*– Tem muita coragem, meu! – Disse Neves.*

*– Essa prática, pelo que me consta, é muito comum entre muitos africanos e dirigentes angolanos, para ser mais precisa – observou Ana – Admira-me, de alguma forma, a aceitação do que Jimbila nomeou como propriedade, pois bem podia ser líder do dirigente ou parceiro. São situações que não me assustam, pois as diferentes culturas, religiões e sociedades carregam sempre traços distintos. O grande problema está no julgamento que elas fazem entre si, o que faz com que grande parte dos defensores de qualquer uma delas pratique descaradamente o que chamo hipocrisia religiosocioculógica: fingir que aceitamos as diferenças, mas ao virarmo-nos as costas, apontamos o dedo (Samuel, 2024, pp. 53-54).*

## Semelhanças e diferenças entre os protagonistas

Padre Amaro e Professor Kandimba compartilham diversos traços em comum, mas também possuem diferenças significativas, especialmente em relação ao contexto histórico.

Apesar de estarem em épocas e contextos distintos, Padre Amaro e Professor Kandimba são personagens que reflectem a corrupção e a hipocrisia dentro de instituições fundamentais para a sociedade. Enquanto Amaro representa a decadência moral do clero português no século XIX, Kandimba personifica os problemas estruturais do ensino em Angola no século XXI, onde mais se destaca o assédio sexual. Os dois, embora em ambientes diferentes, são “profissionais” substitutos:

*Dois meses depois soube-se em Leiria que estava nomeado outro pároco. Dizia-se que era um homem muito novo, saído apenas do seminário. O seu nome era Amaro Vieira. Atribuía-se a sua escolha a influências políticas, e o jornal de Leiria, A Voz do Distrito, que estava na oposição, falou com amargura, citando o Gólgota, no favoritismo da corte e na reacção clerical. Alguns padres tinham-se escandalizado com o artigo; conversou-se sobre isso, acremente, diante do senhor chantre (Queirós, 2016, pp. 9-10).*

Noutro texto:

*– Tudo bem. Soube que já faz muito tempo sem aulas de Metodologia de Geografia e História.*

*– Nunca tivemos, senhor professor. – Disse Arnaldo Santos Manuel.*

*– Esses dias acabaram. Permitam-me introduzir-vos na minha forma de trabalhar. Dispensando apresentações com informações delineadas, que ao longo do tempo descobri las-ão, se vos interessar. Primeiramente, gostaria de deixar clara a minha relutância ao facto de se juntar essas metodologias. Com isso, considerem paga a multa pelo crime de, algumas vezes, juntar assuntos com contextos complexos. Segundamente...*

*A turma desfez-se da seriedade velada do momento para dar lugar a gargalhadas pela última palavra. Kandimba sabia bem que o tempo era o principal inimigo de um filósofo em sala de aula. Prosseguiu:*

*– Estão assustados com o termo? Os gramáticos são apressados, pois não deixam que os falantes acabem de assinar os acordos, partindo logo para os seus dogmas falhos. Quem são eles para dizerem que só se aumenta o sufixo mente depois da palavra primeira? Por isso, segundamente, procurem prestar atenção ao que será discutido em sala de aula, pois nunca pergunto o que dito como matéria do dia (Samuel, 2024, pp. 1-2).*

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 28/03/2026 | aceite: 02/03/2026 | publicação: 04/03/2026

Outra semelhança é justamente o facto de ambos arrendarem casas de duas senhoras em cidades novas para ambos:

*Amaro pedia-lhe com urgência que lhe arranjasse uma casa de aluguel, barata, bem situada, e se fosse possível mobilada; falava sobretudo de quartos numa casa de hóspedes respeitável. "Bem vê o meu caro padre-mestre, dizia Amaro, que era isto o que verdadeiramente me convinha; eu não quero luxos, está claro: um quarto e uma saleta seria o bastante. O que é necessário é que a casa seja respeitável, sossegada, central, que a patroa tenha bom génio e que não peça mundos e fundos; deixo tudo isto à sua prudência e capacidade, e creia que todos estes favores não cairão em terreno ingrato. Sobre tudo que a patroa seja pessoa acomodada e de boa língua." (Queirós, 2016, p. 13)*

Noutro:

*— Deixa dessas coisas, tenho licença, esqueceu? — Ambos sorriram. — Vamos, a casa fica aqui bem pertinho, nas Vinte Casas. — Começaram a caminhar em passos lentos — Um quintal vasto, com apenas dois inquilinos. Serão três, se gostares. A dona é uma senhora muito fixe, muito educada. E olha que tem umas filhas boas (Samuel, 2024, p. 5).  
Num instante, entraram e encontraram uma senhora de idade, clara e forte, que ainda se mostrava combativa, a julgar pela forma como esfregava as roupas. Havia um amontoado de roupas enorme aguardando. Samara, tão mulata quanto Sandra, alta, beirando um e oitenta, com o cabelo preso para ajudar melhor a mãe na tarefa de lavar, olhou timidamente para os dois e atravessou a porta azul que dava acesso ao interior da casa.  
— Vem com a chave do anexo, Sama. — Gritou a mãe. — Então, o senhor é o... (p. 7)*

Os protagonistas demonstram possuir habilidades cognitivas dignas de realce, demonstradas em primeira pessoa e reconhecidas por outros personagens:

*O cónego Dias mostrara um grande contentamento com a nomeação de Amaro Vieira. Na botica do Carlos, na Praça, na sacristia da Sé, exaltou os seus bons estudos no seminário, a sua prudência de costumes, a sua obediência: gabava-lhe mesmo a voz: "um timbre que é um regalo."  
— Para um bocado de sentimento nos sermões da Semana Santa, está a calhar!  
Predizia-lhe com ênfase um destino feliz, uma conezia decerto, talvez a glória de um bispo! (Queirós, 2016, pp. 11-12)*

Noutro:

*— Estão assustados com o termo? Os gramáticos são apressados, pois não deixam que os falantes acabem de assinar os acordos, partindo logo para os seus dogmas falhos. Quem são eles para dizerem que só se aumenta o sufixo mente depois da palavra primeira? Por isso, segundamente, procurem prestar atenção ao que será discutido em sala de aula, pois nunca pergunto o que dito como matéria do dia. Pelo contrário, questiono o abordado, o que considero ter sido aprovado em assembleia. Sim, essa sala é, ex nunc, ou seja, deste momento em diante, a nossa assembleia. Terceiramente, saibam, desde já, que o ensino de qualquer disciplina deve sempre privilegiar a componente prática. Dito de outra forma, ensino sem enquadramento prático não tem cabimento, ainda que pareça ter. Quartamente, coloquem nas vossas mentes que ser professor é uma questão de afirmação social e pessoal (Samuel, 2024, pp. 2-3).*

Sem dúvidas, a principal semelhança está no que se pode chamar de abuso de poder que demonstra como isso pode afectar profundamente a sociedade. Apesar dessa grande semelhança, uma grande diferença pode ser destacada: Amaro fere princípios religiosos ao se envolver amorosamente com Amélia, enquanto Kandimba compromete a formação das novas gerações ao agir de forma promíscua no ensino.

## A paixão proibida e suas consequências

A paixão proibida constitui um eixo estruturante comum a *O Crime do Padre Amaro* e *O*

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 28/03/2026 | aceito: 02/03/2026 | publicação: 04/03/2026

*Crime do Professor Kandimba*, funcionando, em ambas as narrativas, como força desencadeadora do conflito moral que conduz à queda dos protagonistas. Apesar de se inscreverem em contextos históricos e institucionais distintos, as duas obras apresentam relações marcadas pela transgressão de normas socialmente legitimadas, o que confere à paixão um carácter simultaneamente íntimo e socialmente perturbador.

No romance de Eça de Queirós, a paixão entre Amaro e Amélia desenvolve-se de forma gradual, silenciosa e profundamente marcada pela repressão. O desejo do sacerdote manifesta-se inicialmente através de uma observação obsessiva e fragmentária do corpo e dos gestos da jovem, revelando uma sensualidade contida, mas persistente. O olhar de Amaro transforma gestos banais — o coser, o andar, o arranjo do cabelo — em objectos de fascínio erótico, evidenciando a tensão entre o voto sacerdotal e o impulso carnal. Essa idealização do corpo feminino, associada à ingenuidade de Amélia, reforça a assimetria da relação e denuncia o abuso de poder simbólico exercido pelo clérigo.

*Amélia cantava mais acentuadamente, cosendo depressa; e a espaços, erguendo o busto, mirava o alinhavado ou o pesponto, passando-lhe por cima, para o assentar, a sua unha polida e larga.*

*Amaro achava aquelas unhas admiráveis, porque tudo que era ela ou vinha dela lhe parecia perfeito: gostava da cor dos seus vestidos, do seu andar, do modo de passar os dedos pelos cabelos, e olhava até com ternura para as saias brancas que ela punha a secar à janela do seu quarto, enfiadas numa cana. Nunca estivera assim na intimidade duma mulher. Quando percebia a porta do quarto dela entreaberta, ia resvalar para dentro olhares gulosos, como para perspectivas dum paraíso: um saiote pendurado, uma meia estendida, uma liga que ficara sobre o baú, eram como revelações da sua nudez, que lhe faziam cerrar os dentes, todo pálido. E não se saciava de a ver falar, rir, andar com as saias muito engomadas que batiam as ombreiras das portas estreitas. Ao pé dela, muito fraco, muito langoroso, não lhe lembrava que era padre; o Sacerdócio, Deus, a Sé, o Pecado ficavam embaixo, longe, via-os muito esbatidos do alto do seu enlevo, como de um monte se veem as casas desaparecer no nevoeiro dos vales; e só pensava então na doçura infinita de lhe dar um beijo na brancura do pescoço, ou morder-lhe a orelhinha (Queirós, 2016, pp.124-125).*

A progressiva suspensão da consciência religiosa de Amaro, visível quando o sacerdócio, Deus e o pecado se tornam “esbatidos”, traduz o mecanismo de autojustificação que acompanha a paixão proibida. O espaço doméstico, aparentemente inocente, converte-se num território de intimidade clandestina, onde pequenos gestos — como o roçar de joelhos ou os olhares trocados — funcionam como pactos silenciosos de cumplicidade. A paixão, assim construída, não surge como explosão súbita, mas como erosão lenta da moral, o que intensifica o peso da culpa subsequente.

Em *O Crime do Professor Kandimba*, a paixão proibida apresenta contornos distintos, mais directos e menos mediatos, reflectindo um contexto contemporâneo em que os interditos morais já não se sustentam prioritariamente no discurso religioso, mas na ética profissional e social. A relação entre Kandimba e Samara nasce no espaço académico, onde o livro assume um valor simbólico central, funcionando como pretexto para a aproximação afectiva e para a quebra progressiva das barreiras institucionais. Diferentemente de Amaro, Kandimba não se debate longamente com o interdito; relativiza-o, reduzindo o erro a uma “questão de perspectiva”, o que revela uma consciência

- Se já o tivesse terminado, diria que não, pois acabámos por desenvolver uma ligação mais forte que a do pacto da cama, percebes!? Eu vou querer conhecer a sua tia um dia desses, mas esse livro tem de ser meu, lhe peço. Compro te outro, se poder, mas esse tem de ficar comigo.
- É uma forte recordação. Um presente sem preço.
- E se eu dissesse que tem o mesmo significado para mim? – Pegou suavemente a mão de Samara. Ela corou, era o primeiro contacto mais significativo.
- Como assim? – Afastou a mão e pegou o livro com as duas, olhando Kandimba de lado, sem conseguir encará-lo.
- É que a pessoa que mo deu significa muito para mim. Quanto mais o leio, mais me dou conta disso.
- É mesmo verdade!?
- Asseguro-lhe que sim.
- A professora Ana é só um caso!?
- O delegado da sua turma é só um caso (Samuel, 2024, p. 77)

A sedução, neste caso, é marcada por uma linguagem ambígua e por jogos discursivos que dissimulam a transgressão sob a aparência de afecto e partilha intelectual. A autoridade do professor, sustentada pelo saber e pela posição hierárquica, substitui a autoridade religiosa do sacerdote, mas produz efeitos semelhantes: Samara surge como figura vulnerável, emocionalmente exposta, enquanto Kandimba controla o ritmo e os limites da relação. A paixão, longe de ser apenas um impulso individual, inscreve-se num sistema de poder que legitima a violação de fronteiras éticas.

Como sacerdote católico, Amaro fez votos de celibato, mas, ao ser tomado pelo desejo, acaba seduzindo Amélia, levando-a a um relacionamento secreto.

*Amaro ia sentar-se ao pé de Amélia, que costurava à mesa; o olhar penetrante que se trocavam era todos os dias como o mútuo juramento mudo que o seu amor crescera desde a véspera; e às vezes mesmo, debaixo da mesa, roçavam os joelhos com furor. Começava então a cavaqueira. Eram sempre os mesmos interessezinhos, as questões que iam na Misericórdia, o que dissera o senhor chantre, o cônego Campos que despedira a criada, o que se rosnava da mulher do Novais... (p. 180)*

Com Kandimba, a situação não é diferente, pois rasga toda a ética ao se envolver com Samara:

- Não é óbvio, professor!?! – Voltou a encará-lo. – Não acha que sou muito mulher para ele!?
- Só sei que nada sei.
- Não brinca, professor, estou a falar sério.
- Sem mais palavras, Kandimba aproximou-se, a sua mão esquerda retirou-lhe o livro, a direita acariciou o rosto dela pelo lado esquerdo. O livro foi deixado na mesa. A moça tremia e Kandimba notou, deu-lhe o primeiro beijo, bem queria que também durasse três minutos, mas a moça desfez-se do aconchego:*
- Não é errado o que estamos a fazer?
- O erro é uma questão de perspectiva, filha. – Beijaram-se novamente, agora com mais vigor. O volume que se fez na calça de Kandimba foi o sinal para Samara se antecipar e trepar. As mãos de Kandimba procuraram o descobrir o que estava por baixo daquele vestido leve e se surpreenderam com a falta de barreira: caso para se dizer que na procura de terra firme para o avião pousar, encontrou-se o mar, não o vermelho, mas o mar molhado. A moça gemeu com cada provocação de Kandimba. Ela cravou as unhas nas costas dele, com o seu vestido agora na cintura. Ansiosa por mudar de etapa, ela começou a se mexer sensualmente, dificultando um pouco a missão exploradora de Kandimba (p. 79).

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 28/03/2026 | aceito: 02/03/2026 | publicação: 04/03/2026

Comparativamente, enquanto em *Eça de Queirós* a paixão proibida é atravessada por uma luta interior intensa, marcada pelo medo do pecado e pela vigilância social, em Samuel ela surge associada a uma racionalização imediata do desvio, própria de um contexto em que as instituições perderam parte da sua autoridade moral simbólica. Em ambos os casos, contudo, a transgressão não se limita ao plano privado: as consequências da paixão estendem-se às vítimas, revelando o carácter destrutivo de relações assimétricas fundadas no abuso de poder.

### A culpa e a crise de consciência nos protagonistas

Tanto em *O Crime do Padre Amaro* quanto em *O Crime do Professor Kandimba*, os protagonistas transgridem normas éticas e morais, o que levanta a questão da culpa e da crise de consciência. No entanto, os dois personagens lidam de formas diferentes com esse sentimento, o que reflete o contexto social e os valores de suas respectivas épocas.

Padre Amaro representa a hipocrisia do clero e a fragilidade moral de alguém que deveria ser um exemplo de virtude, mas que cede às tentações e age de maneira egoísta. Um exemplo disso pode ser encontrado na solução que se levanta para se escapar da paternidade indesejada:

— De quantos meses está ela?  
— De quantos meses? Está de agora, está dum mês...  
— Então é casá-la! exclamou o cônego com explosão. Então é casá-la com o escrevente!  
O padre Amaro deu um pulo:  
— Com os diabos, tem você razão! É de mestre!  
O cônego afirmou gravemente com a cabeça que era "de mestre".  
— Casá-la já! Enquanto é tempo! Pater est quem nuptiae demonstrant... Quem é marido é que é pai.

Por outro lado, Amaro sabe que está cometendo um pecado ao se envolver com Amélia, mas não se arrepende verdadeiramente:

*E quem inventou isto? Um concílio de bispos decrepitos, vindos do fundo dos seus claustros, da paz das suas escolas, mirrados como pergaminhos, inúteis como eunucos! Que sabiam eles da Natureza e das suas tentações? Que viessem ali duas, três horas para o pé da Ameliazinha, e veriam, sob a sua capa de santidade, começar a revoltar-se-lhe o desejo! Tudo se ilude e se evita, menos o amor! E se ele é fatal, por que impediram então que o padre o sinta, o realize com pureza e com dignidade? É melhor talvez que o vá procurar pelas vielas obscenas! — Porque a carne é fraca! (p. 205).*

Ao invés de assumir a responsabilidade pelo que fez, ele abandona Amélia à própria sorte, o que resulta em sua morte e na do filho. Seu maior temor não é a punição divina, mas a opinião pública, evidenciando sua hipocrisia. Padre Amaro sente apenas uma culpa superficial e egoísta, sem uma verdadeira crise de consciência. Ele representa a hipocrisia clerical e a impunidade dos poderosos:

“— Um cura? Que entre para aqui! — E murmurou para sua satisfação pessoal: — o Estado não deve fazer esperar a Igreja.” (p. 236).

Por seu turno, ao ser descoberto e punido, a sua culpa surge apenas no momento da queda,

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 28/03/2026 | aceito: 02/03/2026 | publicação: 04/03/2026

mas não por arrependimento verdadeiro.

Em ambos os casos, os protagonistas mostram como o poder corrompe e como a culpa pode ser ignorada ou usada apenas como medo da punição, e não como verdadeira redenção.

### Considerações finais sobre os protagonistas e suas tragédias

Tanto Padre Amaro, de *O Crime do Padre Amaro*, quanto Professor Kandimba, de *O Crime do Professor Kandimba*, são personagens trágicos à sua maneira. Embora vivam em contextos diferentes, suas histórias mostram como a corrupção moral, a hipocrisia social e as normas da época moldam seus destinos.

Como já referimos, Padre Amaro é um personagem que não enfrenta verdadeiramente sua culpa e não sofre consequências por seus actos. Sua tragédia não é pessoal, mas sim da sociedade que o protege.

Ele aproveita-se das normas sociais que favorecem o clero e os homens, enquanto Amélia, a verdadeira vítima, é quem paga com sua vida.

*Pintou-lho a largos traços, de pé, com o seu frasco na mão. A Igreja fora a Nação; hoje era uma minoria tolerada e protegida pelo Estado. Dominara nos tribunais, nos conselhos da Coroa, na fazenda, na armada, fazia a guerra e a paz; hoje um deputado da maioria tinha mais poder que todo o clero do reino. Fora a ciência no país; hoje tudo o que sabia era algum latim macarrónico. Fora rica, tinha possuído no campo distritos inteiros e ruas inteiras na cidade; hoje dependia para o seu triste pão diário do ministro da Justiça, e pedia esmola à porta das capelas. Recrutara-se entre a nobreza, entre os melhores do reino; e hoje, para reunir um pessoal, via-se no embaraço e tinha de o ir buscar aos enjeitados da Misericórdia. Fora a depositária da tradição nacional, do ideal coletivo da pátria; e hoje, sem comunicação com o pensamento nacional (se é que o há) era uma estrangeira, uma cidadã de Roma, recebendo de lá a lei e o espírito... (p. 654).*

A maior tragédia não é apenas a morte de Amélia e do filho, mas o facto de que nada muda: Amaro segue sua vida como se nada tivesse acontecido. Assim, a tragédia de Amaro não está em sua queda, mas sim em sua impunidade, que reflecte uma sociedade falha e injusta:

*Mas Amaro, radiante de se achar ali, numa praça de Lisboa, em conversação íntima com um estadista ilustre, perguntou ainda, pondo nas palavras uma ansiedade de conservador assustado:*  
— *E crê vossa excelência que essas ideias de república, de materialismo, se possam espalhar entre nós?*  
*O conde riu: e dizia, caminhando entre os dois padres, até quase junto das grades que cercam a estátua de Luís de Camões:*  
— *Não lhes dê isso cuidado, meus senhores, não lhes dê isso cuidado! É possível que haja aí um ou dois esturrados que se queixem, digam tolices sobre a decadência de Portugal, e que estamos num marasmo, e que vamos caindo no embrutecimento, e que isto assim não pode durar dez anos, etc., etc. Baboseiras!... (p. 693)*

Por outro lado, tragédia de Kandimba está ligada às diversas vertentes do crime e ao impacto de suas acções na educação e na sociedade. Ao sentir culpa e enfrentar uma crise de consciência, sua tragédia torna-se interna, mostrando o peso da sua acção sobre aqueles que ainda têm alguma moralidade. Ao ser descoberto e punido, sua tragédia é pessoal, mas com um tom de justiça social.

**Ano VI, v.1 2026 | submissão: 28/03/2026 | aceito: 02/03/2026 | publicação: 04/03/2026**

Independentemente desses factos, a história evidencia como uma conduta desonrosa pode destruir indivíduos e enfraquecer o futuro de uma sociedade. Assim, a tragédia de Kandimba pode ser tanto sua queda pessoal quanto a denúncia de um sistema que permite e/ou combate a corrupção.

Ambas as histórias não são apenas sobre os crimes dos protagonistas, mas sobre as sociedades que os produzem e os permitem agir como agem.

Padre Amaro e Professor Kandimba simbolizam a hipocrisia religiosa e a impunidade masculina, em uma sociedade onde as mulheres são as verdadeiras vítimas. Ambos representam a corrupção institucional e suas consequências.

Nos dois casos, a verdadeira tragédia não está apenas nos protagonistas, mas no sistema que os molda e define seus destinos. Seja pela hipocrisia do século XIX ou pela corrupção do século XXI, as duas obras mostram que quando a sociedade falha, os indivíduos também falham – e os inocentes são os que mais sofrem.

## Referências

Aguiar, L. A. (2008). *Alamanque Machado de Assis: vida e obra, curiosidade e bruxarias literárias* 2ª ed. Editora record.

Costa, J. F. (2023). *O Crime do Padre Amaro e uma leitura do destino de Amélia*. Rio de Janeiro: UFRJ.

Dostoiévski, F. M. (2019). *Crime e Castigo (Tradução de Oleg Almeida)*. São Paulo: Martin Claret.

Queirós, Eça de (2016). *O Crime do Padre Amaro (3ª ed.)*. Luso Livros.

Samuel, H. (2024). *O Crime do Professor Kandimba*. Cuanza Norte: Semana Editora.